

Cruz Alta.

Rio G. do Sul.

# AURORA DA SERRA

Igualdade

Liberdade

Homenagem a

Victor Hugo

Fraternidade

Cruz Alta, 1 de Julho de 85.

VICTOR HUGO.

Finalmente venceu a agra lei do destino !  
O maximo poeta, o rei dos luctadores,  
Aquelle que atacou despotismo tigrino,  
Sem medo, sem receio e nem pueris temores ;

Aquelle que cantou os lucidos albores  
D'um seculo de luz, no mais retumbante hymno ;  
Que possuio o condão de todos os amores  
—Desd'o amor á mulher ao infante pequenino,

Pelo genio mortal tombou entorpecido !  
Moroeu ? não ! nunca ! Foi apenas destruido  
O barro em que fulgia o genio colossal.

Melhor é que hoje vai, bello sol sem poente,  
Levar a ideia nova a por vindoura gente  
O Verbo que pregou o amor Universal.

Cruz-Alta, 30 de Junho de 1885.

É lá ha uma gloria, a genia ao serviço da verdade.  
Nº. Hugo.

É lá ha um poder, a consciencia ao serviço da justiça.  
Nº. Hugo.

BRAZIL

## Aurora da Serra

1.º de Julho de 85.

### A' memoria do immortal Victor Hugo.

A sciencia, as letras, as bellas artes, a sociedade, por toda parte o crepe envolve os admiradores do sublime genio que alou-se às regiões ethereas.

Victor Hugo, o principe dos poetas do presente seculo, em cujo craneo as idéas borbulhavam de um modo excepcional, em que os juizes irrompião como as lavas de um volcão, lançando sobre a população do globo uma chuva perenne de cambiantes e odoríferas flores, pertence ao numero d'esses individuos privilegiados pela natureza, que tem por patria o tempo, o espaço e a terra. Colosso nos pensamentos, gigante na magnanimidade do coração, com luz propria, inundou com intensidade toda a superficie do globo, e attrahio á si a contemplação de todos.

Se a Franga se ufana por ter lhe dado o berço, a humanidade se curva reverente á sua memoria e saboreia os doces fructos colhidos á sombra d'esse boabab das modernas gerações; seus frondosos ramos abrigarão a todos quanto procurarão um linitivo as dores e contrariedades da vida.

Victor Hugo é, pois de todos; pertence a todos os paizes; por toda a parte reflecte-se o esplendor de sua gloriosa existencia.

Depois de 83 annos de translação constante, tendo por centro a sciencia, a caridade e o dever, esse astro luminoso deixou bem patente a indelevel orbita por elle descripta, banhando-a com a brilhante luz de seu genio phenomenal.

Submergió-se no occaso da vida, deixando após si uma perenne aurora boreal, [esse clarão crepuscular só proprio dos grandes homens.

A sua individualidade desapareceu; a lei constante da transformação actuou sobre elle; foi-se deixando-nos triturados de saudades e replectos de admiração; porem deixou-nos nas suas produções o material necessario para o pedestal do monumento que a gratidão e o dever lhe tem erigido,

A historia o recebe no seu sumptuoso templo, e transmittirá as gerações futuras a fama e gloria dedicadas a tão excelso vulto.

Receba, pois, a illustre França, por parte de nossa pequena e humilde associação—«Aurora da Serra»—esta prova do profundo sentimento que nos contrista o coração pelo passamento de seu predilecto filho—o immortal Victor Hugo.

G. C.

### Victor Hugo

Victor Maria Hugo nasceu a 26 de Fevereiro de 1802, em Besançon. Eram seus paes o general Segisberto Hugo e Sophia Trebuchet. Como todos esses genios extraordinarios que tem honrado a humanidade, revelou desde os mais tenros annos os dotes de seu espirito de elite. Em companhia de sua mãe e de seu pae, soldado nas guerras napolionicas, viajou quando pequeno pelo sul da França, pela Hespanha, pela Italia, até que afinal veio firmar-se em Paris, com sua mãe, no arrabalde Saint Jacques, onde teve por preceptores: primeiro (1809 a 1811) o celebre e infortunado general Lahorie e depois o velho padre La Reviere. A força das circumstancias levou ainda aquelle que estava destinado a ser o maior poeta do seu tempo á Hespanha, para trazel-o novamente á Paris.

Data dahi a manifestação do seu genio mais do que precoce. Em 1817 elle enviou á Academia uma epistola—*Vantagens do estudo*,—que foi julgada digna do premio, mas deixou de ser premiada, porque julgou-se fructo de uma mystificação, ninguém quiz acreditar que fossem tão sonorosos e sublimes versos escriptos por uma criança de quinze annos.

O desmentido desta conjectura dos academicos não se fez esperar com a publicação das *Odes Estatua de Henrique IV*; *Luis XVII*, *Moyse sobre o Nilo*, enfim de quasi todas as *Odes e Baladas*.

Cada ode que se publicava era um triumpho para o jovem poeta. Chateaubriand cheio de nobre enthusiasmo baptisou-o —«o menino sublime.»

Hugo começava a colher esses virentes louros que enramaram-lhe a fronte soberana, no meio de um labor insano, porque elle tinha a visão clara da sua força e de seu destino, for-



ça que elle devia solidificar no estudo, destino que elle cumprio do modo mais extraordinario.

O primeiro volume das *Odes* f.oi publicado em 1822, em seguida Victor Hugo publicou o romance *Han d'Islande* (1823); depois veio o segundo volume dos *Odes*; depois o romance *Bug Jargui*; o terceiro volume das *Odes* e finalmente o *Cromwell*, grão de guerra do poderoso reformador contra os classicos. No prologo principalmente deste drama, elle traçou com mão firme os seus intentos, as bases da nova arte, e um plano de combate, mas a representação do drama era impossivel por muitas razões e Hugo queria travar a batalha decisiva no theatro. Assim escreveu o *Amy Robsart*, que foi representado uma unica vez no Odeon e pateado estrepitosamente. Antes do Robsart, porem, publicou *As Orientaes*. Colleção de versos em que cantou no estylo mais sonoro e brilhante o espectáculo da natureza, o amor da patria, da independencia, tudo que ha no fundo do coração humano de mais exaltado, terno e doce.

A queda do *Robsart*, que fora escripto de collaboração com Ancelot, não abateu o animo do poeta, que elle não conhecia a fraqueza, nem havia de conhecê-la jamais—tanto no campo da litteratura como no plano agitado das luctas politicas.

Era a sua opinião, uma obra mal succedida deve ser substituida por uma outra melhor; ao Robsart seguiu-se, portanto, Marion Delorme: a censura prohibio a sua representação, pretendendo, sem saber ainda com quem combatia, quebrar desta forma as armaduras de aço de um gigante. Estava enganado. Dentro em poucas semanas, Victor Hugo fazia representar o *Hernani* no Thatro francez (25 de Fevereiro de 1830). As representações deste drama attingiram o numero de sessenta, no meio de um ruido facil de imaginar, no momento em que dois partidos exaltadissimos, romanticos e classicos disputavam o campo. Ochoveram applausos e protestos de todos os lados e até murros, sahindo muita gente do theatro de cabeça amarrada! Os classicos vencidos, sem poderem resignar-se que se dicesse tantas cousas fora dos moldes em que vasaram suas obras Cornelio e Rasine, chegaram mesmo a pedir a intervenção do rei Carlos X para conter aquelle escandalo, de quem obtiveram a espiritosa resposta: que em materia de tragedia elle não tinha senão seu lugar na plateia.

A batalha tinha se ferido e as representações do *Hernani* constituiram um triumpho sem igual para Victor Hugo.

Elle tinha n'esse tempo vinte e oito annos de idade!

Na idade mesmo em que os maiores genios começam a celebrar-se, elle collocava sobre a cabeça laureada uma coroa immortal, em cujas fulgurantes pedrarias, brilhavam ja estes diamantes—*Hernani*, *As orientaes*, *Marion Delorme*.

Depois desta primeira batalha em que Victor Hugo fora aclamado e victoriado com chefe dos romanticos, o mestre, como então já appellidavam-no os seus admiradores, publicou successivamente: *Nossa Senhora de Paris*, *Lucrecia Borgia*, *Raios e sombras*, *Ruy Blas*, &c. &c.

Obras todas de uma inspiração ora terna, ora arrebatada e violenta quando a agui de seu genio visitava essas regiões altissimas do ideal, aonde talvez só ella e unicamente ella de via elevar-se neste seculo!

Ao passo que travava tantas luctas litterarias e vencias-as, o poeta que nellas ia revelando fortemente os seus sentimentos sivicos, entrava tambem nas luctas da politica militante e com o mesmo ardor.

O que foi elle em politica?

Dil-o synteticamente Julio Claretie: Victor Hugo reflectio as paixões, os sonhos, a febre do nosso seculo, que é tambem o grande seculo.

Partio da realza vendean para chegar á republica de Athenas, com a idéa de emancipação social junto á paixão da liberdade e da arte. As suas fluctuações foram as do pensamento francez de 1815 a 1882, e encarnou soberbamente para o futuro duas idéas de emancipação generosas: em litteratura, a revolta contra a convenção, em nome da arte; em politica, o protesto em nome do direito.

O proprio poeta d' l-o, mais ou menos, no prefacio de uma de suas obras: «Todo o homem, se é sincero, pode referir o itinerario, variavel para cada espirito, do caminho de Damasco. Elle soffreu as consequencias de sua educação. Assim foi legitimista, bonapartista, mas reinou sempre nelle o patriotismo e a boa fé—tanto que sempre fez esforços para rectificar seu raio visual, atravez de todas as miragens da sua epocha; todas as aproximações do verdadeiro tentaram-no por sua vez e em muitas occasiões enganaram o seu espirito. O facto é que elle não deu jamais um passo para traz, como se pode ver em suas obras, mesmo nas do

infante e adolescente em que não se achará jamais uma palavra contra a liberdade. Na sua alma em que se debateram o espirito da realleza e da liberdade—o da liberdade venceu. Eis ali a unidade de sua vida. Elle procurou prevalecer em tudo a liberdade. A liberdade é, na philosophia—a razão; na arte—a inspiração; na politica—o direito.

E' facil comprehender agora Victor Hugo realista, compondo calorosas odes, prestando sua adhesão a Carlos X, a Luiz Philippe.

A revolução de 48 abriu-lhe novos horisontes, em politica; mas foi verdadeiramente em 1849 que elle tornou-se na assemblèa legislativa o chefe e o orador da esquerda democratica e socialista. Foi ahi que os seus discursos, cheios da inspiração aspera e violenta, que já tantas vezes fulgurara em muitas de suas obras, desencadearam sobre sua cabeça as mesmas tormentas de outr'ora, provocados pela publicação de seus dramas, ou maiores ainda! O luctador intemerato affrontou tudo.

Quando tratou-se da reeleição de Luiz Bonaparte em 1851 a sua posição foi a mais brilhante; combateu-a vivamente; e os discursos que proferiu em diversas sessões, pelos arrebatamentos de eloquencia, de sarcasmo cruel com que feriu o homem que devia infamar a sua patria, formam o maior padrão de gloria a que jamais pode aspirar um orador e patriota.

Luiz Bonaparte não podia perdoar-lhe, o golpe de estado de 2 de Dezembro veio trazer a V. Hugo o que devia trazer-o—a persiguição. O seu nome foi o primeiro collocado nas listas das proscricções, e o poeta partiu para o exilio, em fuga, para escapar de ser assassinado. Foi residir em uma illa—para ver o oceano, como elle o diz narrando a palestra que teve com seu filho: «Que pensas deste exilio?» lhe perguntou o filho. «Que será longo.» «Que pretendes fazer?» «Olhar o oceano.»

Amante de tudo quanto era maravilhoso, em fimto, á vista do oceano parece ter engrandecido o seu genio: datam do exilio as suas melhores obras.

Com o coração dilacerado pela dor, chorando ainda o infortunio da patria, mas inflammado por uma divina colera, elle escreveu successivamente como uma vingança e que vingança! Napoleon le Petit e Chatiments, uma obra prima, em que marcou com ferro em brasa a face do despota, amarrrou-o eternamente com todos os bandidos seus cúmplices, ao pelourinho da historia!

No exilio elle publicou entre outras obras —*Lenda dos seculos*, 1.<sup>a</sup> parte, epopéa extraordinaria, considerado o mais bello monumento que nos lega o seu genio, e o romance *Os miseraveis*. No romance brilham ainda vivos protestos contra o despotismo e mais vivos ainda na epopéa, em que a inspiração audaciosa do poeta vem de remotissima antiguidade elevando grandiosos hymnos ás civilisações extinctas, sobre os tumulos de cidades derrocadas, ao mesmo tempo que estigmatiza em cantos de bronze a todas as tyrannias.

Ao partir para o exilio, fez elle este juramento: «Quando o direito entrar em França, entrarei tambem.» Renovando-o mais tarde em versos celebres.

Assim foi: amnistiado sob o imperio, não quiz voltar á França e della permaneceu ausente cerca de vinte annos. O exilio foi longo mas glorioso,

No seio da sua solidão, atravessando as agudas revoltas do oceano, o poeta recebia todos os dias os applausos da França pelos seus triumphos, os applausos do mundo civilisado em peso, sentia-se amado, admirado.

O desastre de Sedan, a proclamação da republica, trouxe-o enfim á Paris.

Regressava á patria para encontral-a em que estado? Completa a obra do despotismo e da corrupção, esmagada, trucidada, coberia de vergonha. Vede que pagina dolorosamente eloquente a que elle traçou ao rever o sol, o céu, ao respirar o ar querido da terra natal! Diz o poeta:

«A patria tem isto de pungente—sahir della é triste, regressar á ella é algumas vezes ainda mais triste.

Que proscripto romano não preferiria morrer como Brutus, a ver a invasão de Atila? Que proscripto francez não preferiria o exilio á escavação da França pela Prussia, e a extorsão de Metz de Strasburgo? Regressar ao lar natal em dia de catastrophe; ser chamado por acontecimento que vos indignam; ter durante muito tempo clamado pela patria na sua nostalgia e sentir-se insultado pela complacencia do destino que vos acolhe humilhando-vos; ter tentações de esbofetear a fortuna que mistura um roubo com uma restituição; encontrar a patria, *dulces Argos*, debaixo dos pés de dois imperios, um em triumpho, o outro em derrota, passar a fronteira sagrada no momento em que o estrangeiro a viola; só poder beijar



a terra chorando; só ter força para gritar: França! n'uma suffocação de soluços; assistir ao esmagar dos bravos; ver subir no horizon-te fumos repugnantes; glorificação do inimigo, feita com a vossa vengonha; passar por onde acaba de passar a carnificina; atravessar campos sinistros cuja herba ha de ser mais basta no anno proximo; ver prolongar-se a perder de vista, a medida que se avança nos prados, nos bosques, nos valles, nas collinas essa coisa que a França não ama a — fuga; encontrar, dispersões ferozes de soldados derrotados; entrar em seguida na vasta cidade heroica que vai soffrer um monstruoso cerco de cinco mezes; encontrar a França prostrada e sanguinolenta tornar a ver Paris, mas esfaumada, bombardeada, é, certamente, uma inexprimivel dor!

E' tocante a descripção que faz da partida de Victor Hugo de Bruxellas e da sua chegada á Paris, uma testemunha illustre, tanto que não posso conter o desejo de transcrevel-a:

Sobre o caes de embarque, amigos fieis acompanhavam Victor Hugo, que regressava ao seu paiz. Havia alguns que choravam. O comboio partiu e Victor Hugo ficou assentado emfrente de nós, olhando pela portinhola para os horisontes e paisagens, á espera que se passasse a fronteira, e que elle avistasse as arvores, os prados, o chão, o ar mesmo e o céu da sua patria.

Não! jamais me esquecerei da impressão profunda e lancinante que produziu n'esse homem, então da idade de sessenta e oito annos, e encanecido no exilio, á presença do primeiro soldado francez que elle notou no fundo do seu wagon.

Era em Landrecies.

Tropas d'esse corpo de Vinoy, que batia em retirada de Mezières sobre Paris,—pobres homens estafados, cobertos de pó e de lama, pallidos, alquebrados,—soldados vencidos antes de haverem combatido, estavam sentados ou deitados ao longo do caminho. Fugiam dos uhlanos que estavam proximos. Concentravam-se sobre a grande cidade para não serem absorvidos no desastre que acabava de fazer diante Sedan, do ultimo exercito francez, uma preza para as cidadellas prussianas. Lia-se a derrota nos seus olhares, o alquebramento moral na sua attitudo physica; estavam taciturnos, sordidos, arrastados pela derrota, como os pedregulhos pelo vendaval.

Mas que! eram soldados da nossa França, tinham o uniforme querido, o capote azul, as calças vermelhas. Traziam n'aquelle desmantelamento saes e salvas as suas bandeiras tricolores.

Grossas lagrimas encheram de subito os olhos ensombrados de Victor Hugo, e, inclinando-se para uma portinhola, com uma voz clara, brilhante, espavorida.

«Viva a França! gritou o velho; viva o exercito francez! Viva a patria!»

Os soldados, quebrados pela fadiga, olhavam vagamente, e com ar merencorio, sem comprehenderem. El-

le continuava a mandar-lhes confortos e vivas, como arrancos de trombeta:

«Não! não! não é vossa a culpa! vós fizestes o vosso dever!—» E quando o comboio tornou a partir, as alegrias cahiram lentamente dos seus olhos pelas faces e perderão-se na sua barba branca.

A grande cidade, apesar do perigo e da dor immensa que a dominava, recebeu o seu poeta querido por entre acclamações de enthusiasmo pela sua gloria, de amor pelo zelo com que elle em todos os tempos dedicara-se aos serviços da patria. Durante o cerco de Paris, Victor Hugo fez tudo quanto podia fazer um velho de sessenta e oito annos, que possuísse seu genio, os mais aprimorados sentimentos civicos de liberdade e independencia nacionaes, trabalhou, luctou como um moço.

Depois que serenou a tempestade fatal, o poeta voltou novamente aos seus trabalhos litterarios, a exercer a sua influencia na vida publica, espalhando como outr'ora a mãos cheias, as suas ardentes e generosas doutrinas democraticas e pode-se então com segurança dizer, acompanhando um de seus historiadores, ao referir-se a ultima quadra da vida do poeta: «Nossa epocha assiste o coroamento desta magnifica carreira ja tão cheia e para a qual nenhuma gloria tem faltado.»

De facto: Elle tinha feito nas lettras a mais assombrosa revolução, quebrado os moldes classicos, atacado a convenção na arte, pregado e praticado com o fervor de um apostolo immaculado o verdadeiro culto do bello, rasga do novos horisontes á poesia, imprimido seiva nova na lingua materna, educado uma geração inteira;

Elle tinha, apesar das fluctuações do seu espirito a principio, combatido sempre pela liberdade, até tornar-se um dos mais arrojados campeões della, pregando a republica aos quatro ventos;

Elle continuava a ser, emfim, como artista, um dos mais puros representantes da arte, no mundo; como homem social o mesmo luctador infatigavel dos tempos da juventude, o espirito do bem, da justiça possuindo, a audacia do valor intemerato, da altivez incorruptivel, o dom inefavel de tollos astenuras, de todos os gritos generosos do coração.

Nada mais justo, pois, do que as glorificações que recebeu em vida quem se afastara tanto do acanhado molde humano; na la mais justo do que o preito, sem memoria nos fastos da humanidade, que lhe rendeu o mundo civilis-

do, no dia 26 de Fevereiro de 1881, por occasião do anniversario natalicio do poeta soberano. Nesse dia Victor Hugo ao lado das congratulações infinitas que recebia, pelo telegrapho, do estrangeiro, vio crusar diante de sua porta, entre seus dois netos, o povo de Paris inteiro,—tomado de sagrado alvoroço, desfaldando bandeiras triumphaes, cobrindo de flores o seu idolo, o seu deus.

Eis, em rapidos traços, a vida do homem que a França acaba de perder. Desapparecendo mundo em avançada idade, depois de ter desempenhado fiel e resolutamente uma missão extraordinaria. Levantado no pedestal de sua gloria, elle permanecerá eternamente como um dos grandes typos da humanidade e tambem dos mais altos orgulhos d'ella. A França amou-o, e admirou com o maior extremo, e elle pagou-lhe amor com amor, admiração com admiração. E continuará a satisfazer esta divida posteridade fora com o legado enexgotavel que legou à patria e ao mundo o seu genio. Sim! Como Homero, o cantor do povo helleno, se algum dia morrer a nação franceza, elle irá dizer à mais remota posteridade o que foi a França, até que altura fulgurou seu genio—nesses poemas que o presente admira e serão o assombro de todas as gerações que nos succederem na progressão da vida.

P. C.

Cruz Alta, 27 de Junho de 1885.

Deus está atraz de tudo: porem tudo occulto á Deus. As cousas são negras, as criaturas, amar a um ser é tornal-o transparente. Certos pensamentos são outras tantas orações. Ha momentos em que, qualquer que seja a attitude do corpo, a alma acha-se prostrada de joelhos.

Victor Hugo.

Victor Hugo.

Morreu Victor Hugo!

Foi o maior poeta do seculo XIX.

Por uma d'essas fatalidades que se não explicam ixemptou-se elle do inexoravel destino dos poetas—o morrerem moços.

Até n'isto foi grande, excepcional!

E' que de certo a aguia do seculo, da lu-

minosa esphera em que doudejáva, não podia descer a comparar-se com as humíldes e insignificantes borboletas. E' que, assim como o astro-rei do nosso systema planetario não pôde vir disputar o aligero meteóro que atrave-sa o horisonte. assim tambem elle, o grande, o immenso, o colosso dos poetas não podia, submeter-se a essa lei, elaborada para levar á tumba, ainda moços, aquelles que se entregaram febrilmente ás allucinações da poesia. Sim, o genio não se pôde submeter a essas leis. Está fora da animalidade; é uma centelha de Deus! Si o aleijão foi um descuido da natureza e rebaixou-a, o genio foi uma exaltação e elevou-a, elevando-se à divindade.

Sete cidades conquistaram o berço de Homero, Dante não é mais italiano do que universal, Camões não é mais glorificado em Portugal do que nas outras nações, Napoleão não foi o restaurador da França, foi o libertador do mundo.

O genio não tem patria, pertence ao mundo inteiro, e o mundo inteiro é pequeno para contel-o em seu seio, assim como a materia é insufficiente para estreitar em seu finito a sua grandeza que é infinita!

Morreu Victor Hugo!

No esquite d'aquelle velho robusto, que ainda hontem via debaixo de sua janella a França inteira proclamando-o, vai o genio da poesia, d'essa poesia scintillante e maravilhosa, que não desce a nos descarnar as frias realidades do mundo, mas que se encarrega de nos pintar com diaphanas e brilhantes cores todas as maravilhas da natureza, todos os encantos da sociedade, todos os nobres sentimentos, o bem triumphando do mal, a modestia do orgulho, a justiça da iniquidade, a generosidade do egoismo, e de proclamar a soberania do amor! E' a poesia do Visconde de Benalcañor, é a verdadeira poesia, que brota da ternura, da piedade, da alegria, da tristeza, da sympathia, da admiração, do entusiasmo, do odio, do amor.

Não é a poesia que bestialisa, é a poesia que dignifica.

Por isso Victor Hugo foi dignificado!

Por isso Victor Hugo vio, com seus proprios olhos, o mundo em pezo render-lhe as homenagens a que tinha direito!

Por isso vio, poetas, reis, pensadores, atheus,



irem submissos curvar o joelho diante de sua homérica estatura!

Disse o Sr. Latino Coelho que Victor Hugo não foi bom politico. Admitto que o grande poeta até certo tempo não tivesse mesmo uma opinião firme em politica.

Mas o que tem isso? Não estão ahí 20 annos de exilio, e, o que é mais: exilio voluntario, provando o quanto o valente democrata pugnou pela liberdade de sua patria? Além de que, algum desvio que por ventura podesse ter, em politica, interceptaria acaso a intensidade da luz e a violencia dos ventos, que iam levar a todos os cantos do orbe civilizado, o nome, justamente colossal. d'esse batalhador infatigavel das letras?

Ainda mesmo que Victor Hugo não fosse um dos mais acerrimos athletas da regeneração politica de seu paiz; ainda mesmo que Victor Hugo não fosse aquelle grande coração cheio de piedade e de ternura, sentado á cabeceira de uma meza rodeada de creanças e presidindo ao banquete que elle mesmo lhes offereceo; ainda mesmo que Victor Hugo não fosse aquella alma generosa e caritativa que distribuia á mãos cheias parte de sua fortuna pelos arrebatados das pestes e dos terremotos; não teria sido, por ventura, o primeiro poeta do seculo XIX?

Para mim Victor Hugo foi um idolo.

Acostumei-me a adoral-o, a venerar-o, e, ainda hontem, quando vi nos jornaes a noticia de sua morte, uma violenta emoção perturbou-me o espirito. Pois que! Victor Hugo necessitava lá de minha adoração? Grande, immenso, zombando da omnipotencia ephemera dos reis e da grandeza ficticia dos argentarios inuteis, submergido em ondulações de luz e de triumphos, erguendo-se, ainda vivo, ao ultimo grau da celebridade, levando em uma mão a coroa victoriosa da poesia e na outra a bandeira purissima da liberdade, Victor Hugo, a aguia do seculo, lá desceria a rastejar as azas pelos neophytos que tiveram a ousadia de julgar-o Deus?

*Stenzel.*

O Porvir pertence mais de coração que á intelligencia. O amor é o unico que pode occupar e encher a eternidade. O infinito necessita do inexgotavel.

*Victor Hugo.*

O dia 22 de Maio de 1885, foi um dia de luto, não só para França, como para o mundo inteiro.

Nesse dia, a civilizada Pariz, annunciava ao mundo, que tinha descambado no occaso da existencia o immortal poeta Victor Hugo, o Rei do pensamento, gloria do seculo 19 e da raça latina. Todo o mundo civilizado, correu a prestar homenagem ao illustre morto, manifestando assim, o immenso pezar que causou sua morte.

Associando-nos a essa manifestação geral, rendemos nestas toscas linhas homenagem a memoria do sublime apostolo da Liberdade Caridade e Fraternidade.

Cruz-Alta 1.º de Julho de 1885.

*Evaristo Affonso de Castro.*

O amor é uma parte da mesma alma, é da mesma natureza que ella. Como ella é uma faísca divina; como ella é incorruptivel, invisivel, inextinguivel.

*Victor Hugo.*

**Victor Hugo**

Por toda a parte consagra-se á memoria deste grande genio que ha pouco desapareceu, deixando não só a França como todo o mundo civilizado em profunda consternação, as homenagens que só são e devem ser dispensados áquelles que, como Victor Hugo—cumpriram, da maneira a mais brilhante, a sua missão sobre a terra.

E por toda parte rendendo-se justa homenagem a esse grande genio, não era licito que a Cruz Alta ficasse silenciosa em tão solemne momento; e assim pensando os cruzaltenses consagram hoje á sua memoria um numero especial da revista «Aurora da Serra».

A Cruz Alta cumprio, mais uma vez, um dever sagrado, merecendo por isso louvores.  
C. Alta, 1.º de Julho de 1885.

J. L.

---

Tudo o que se move, avança, retrograda, illude e foge,  
Victor Hugo.

---

A. V. Hugo.

No dia 22 de Maio a uma hora da tarde, o telegrapho annunciava ao mundo civilisado uma grande fatalidade—a morte do grande homem que maravilhou todo o orbe social com as preciosas locubrações de seu talento privilegiado.

No dia seguinte a imprensa levava por toda parte, onde se traduzia ou fallava a palavra escripta, os despojos sacrosantíssimos do immortal poeta, e notabilissimo escriptor, que com penha d'ouro burilou com seu genio immenso uma legenda que ficará indelevelmente gravada no pantheon do seculo 19—o immortal seculo das sciencias e das artes !!

E a locomotiva do pensamento, como brilhantemente exprime o arroubado poeta—a imprensa—ao mesmo tempo que levava por toda parte a tristissima nova, transportava n'essa mesma sublime locomotiva os ricos despojos que fizeram já em vida a immortalidade de seu nome augusto e venerando.

Elles são a traducção fiel de seu colossal espirito e nobellissimo coração : pelo espirito patenteou sempre em todas as phases de sua longa vida os grandes sentimentos de patriotismo e de amor á liberdade ; pelo coração patenteou sempre uma alma cheia do mais puro altruismo, e da mais profunda abnegação ao amor do proximo, e da familia, da qual era um idolatra fervoroso, repleto sempre dos mais innocentes e risonhos carinhos...

Cremos ter dito tudo quanto nos inspirava o respeitavel morto. Uma coisa conhecemos : é que somos pygmeos ante o immarcevel altar que tece a sua memoria a pujantissima civilisação da actualidade ; uma coisa tambem nos cumpre dizer : pagamos n'estas singellas palavras a divida de gratidão, a todo o homem que como V. Hugo—pela belleza immorredoura de seu genio, constituiu-se admirado universalmente.

Uma coisa nos cumpre por ultimo dizer aos que nos lerem : ao entrarmos no pomposo templo onde festeja-se a sua immortalidade, pelo respeito e acatamento que nos merece uma tão magestosa festa, e mesmo para mostrar a nossa humildade ao traçarmos estas poucas mas sinceras qalavras—nos descalçamos, para invadir o bellissimo templo, como luzião os peregrinos da media idade, ao penetrar no templo respeitoso de suas arduas orações; nos descalçamos, sim... quebramos as nossas pennas, porque sentimos não ter força para traçar o mais insignificante canto a um tão grande nome.

C. Alta, 1 de Julho de 1885.

J. C.

---

Deus é a plenitude do céu ; o amor é a plenitude do homem.

Victor Hugo.

---

Victor Hugo

O ! França mãe fecunda de genios colossaes ! consenti que do abysmo de sua obscuridade, um filho da America venha chorar contigo a morte do Rei dos poetas.

Hontem—choravas Gambeta, a tua rizonha e mais fagueira esperanza. Hoje lamentas o passamento do homem que mais concorreo no presente seculo para elevar bem alto no mundo das letras o nome francez : Eu te lamento orphã sublimie de tão venerando Pai.

Sim ! aquelle que o mundo conhecia e admirava pelo nome de Victor Hugo, desapareceu de entre os vivos—passou a região dos genios.

Esse desaparecimento, porem, que infelizmente é um facto, não pode trazer como consequencia a morte, porque esta nunca poderá fazer esquecer vultos que como aquelle brilharão por espaço de quasi um seculo radicando-se no espirito dos que tiverão a ventura de comprehendê-lo.

Pelo contrario continuarão a viver venerados e respeitados, porque naturezas privilegiadas, hão-de necessariamente impor-se sempre á admiração do mundo.

A. Dias.

---



## O futuro

Opponham-se ou não se opponham, queiram ou não queiram; a Republica, postas á margem todas as illusões, é o futuro, proximo ou longinquo, mas inevitavel, de todos os povos.

E como virá a Republica? Póde vir de dous modos: ou pela lucta ou pelo progresso. Os democratas querem-na pelo progresso. Os seus adversarios, os homens do passado, parecem querer-na pela lucta.

Os homens do passado resistem; obstinam-se; ferem a arvore a golpe de machado, pensando que impedem a ascensão da seiva. Prodigalisam a força, a puerilidade, a colera.

A politica de resistencia é uma politica funesta,

A lucta do homem contra Deus é necessariamente vã: esteril de resultados, fecunda de catastrophes.

O que deve ser ha de ser. E' preciso deixar correr o que corre, deixar cair o que cãe, deixar nascer o que nasce, deixar crescer o que cresce.

V. H.

(Da Provincia de S. Paulo.)

Como é bello, meu Deus—um povo inteiro  
Chorando—um homem só!

(Mucio Teixeira.)

Victor Hugo pertence hoje á posteridade!

O universo pranteia a morte do illustre sabio que no tumulo é um penhor para a humanidade.

Choremos, pois, com a França.

C. Dezouart.

## O golpe de estado de 2 de Dezembro

### DISCURSO

(ASSEMBLÉA NACIONAL—17—JULHO—1851)

Monarchia legitima. monarchia imperial, Po

que nos quereis vós? Nós somos homens d'um outro tempo. Para nós só ha flores de lys em Fontenoy e não ha aguias senão em Eylau e em Wagram.

Já vol-o disse, vós sois o passado. Com que direito quereis torturar o presente? que ha de commum entre vós e elle? Contra quem e por causa de quem vos coligaes? E, depois, o que significa essa coligação? O que quer dizer essa alliança? O que vem a ser essa mão do imperio que eu vejo apertando a mão da legitimidade? Legitimistas, o imperio matou o duque D'Enghiem! Imperialistas, a legitimidade fusilou Murat! (Viva impressão)

Apertaes-vos as mãos: cuidado, que estaes confundindo nodoas de sangue! (Sensação.)

E, depois, o que é que esperaes? destruir a Republica? Empreheideis uma rude tarefa. Pensastes bem no que ides fazer? Quando um operario trabalhou dezoito horas, quando um povo trabalhou dezoito seculos, e que ambos receberam o seu pagamento tentaes arrancar a esse operario o seu salario, e a esse povo a sua republica! (Applausos.)

Sabeis o que dá a força a Republica? Sabeis o que a faz invencivel? Sabeis o que a faz indestructivel? Já vol-o disse ao principio e vou repetil-o ao terminar, é que ella é a somma do labor das gerações, é que ella é o producto accumulado dos esforços anteriores, é que ella é ao mesmo tempo um resultado historico e um facto politico, é que ella faz, por assim dizer, parte do clima actual da civilisação; é que ella é e fôrma absoluta, suprema, necessaria, do tempo em que vivemos; é que ella é o ar que respiramos e uma vez que as nações respiram esse ar, não podem mais respirar outro! Sim, quereis saber o que faz com que a Republica seja imperecivel? E' que se identifica por um lado com o seculo e por outro com o povo! Ella é a idéa de um e a corôa de outro! (Bravo bravo!)

Senhores revisionistas, perguntei-vos o que querieis. Quanto a mim, o que eu quero, vou dizer-vol-o. Toda a minha politica aqui a tendes em duas palavras: E' preciso supprimir na ordem social um certo grão de miseria e na ordem politica uma certa natureza de ambição. Abaixo o pauperismo e abaixo a monarchia! A França não ficará tranquilla senão quando, pela força das instituições que derem trabalho e pão a uns e tirarem a esperanza aos outros, virmos desaparecer do meio de nós todos aquelles que estendem a mão, desde os mendigos

atéjaos pretendentes. (*Explosões de applausos. Gestos e murmurios à direita*)

## PROCLAMAÇÃO

Povo ! Enganaram-te !

Disse Luiz Bonaparte que te restabelece em teus direitos, que te restitue o suffragio universal.

Luiz Bonaparte mentiu.

Lê suas proclamações ; elle te concede, oh irrisão infame, o direito de <sup>con</sup>fe-  
reres a elle ; a elle só, o poder constituinte, isto é o poder supremo que te pertence. Concede-te o direito de o nomeares dictador por dez annos. Em outros termos, concede-te o direito de abdicares e de o coroares ; direito que tu não tens, ó povo, porque a geração de hoje não pôde dispôr da soberania da geração de amanhã.

Sim, elle concede a ti, soberano, o direito de escolheres o teu senhor, e esse é elle mesmo.

Hypocrisia ! Traição !

Povo, desmascaramos o traidor, a ti cumpre panil-o !

V. H.

## Victor Hugo

É O raio calamitoso que, no dia 22 de maio, despedido pelas nuvens tetricas da fatalidade, dirigio-se à exuberante floresta da Literatura universal, empregou-se no mais vetusto cedro, que, erguendo-se d'alli, balouçava suas grimpas altaneiras nas regiões indefinitas do Pen-  
mento.

Petrificou-o !

O colosso, porem, não tombou ! Não tombou, nem podia mesmo tombar : porque, agarradas, como estão, as suas raizes na terra da Historia e sumindo se as suas gigantescas cinas no cen-  
da Immortalidade, hade permanecer de pé, qual pyramides do Egypto, para estupenda ma-  
ravilha da humanidade, coeva e postera, du-  
rante os seculões, durante o tempo, durante a eternidade !...

Semente lançada à terra pelo presente secu-  
lo ao nascer, a magestosa arvore germinou por  
entre os sudações da natureza que a contem-

plava, cresceu banhada pelo divino orvalho do  
Genio, ramificou em todos os sentidos pela ex-  
pansão das suas proprias forças, afrontou in-  
colume à : tempestades do vicio, abrigou a sua  
sombra benefica todos os sentimentos grandio-  
sos e virtudes sublimes, fructificou segundo to-  
das as manifestações do ideal, e só morreu  
quando não podia mais calir.

O seculo XIX, caracterisado pelas luzes que  
o envolvem, tomal-a-ha para symbolo ; e a cor-  
rente de ar produzida pelo voltejar vertiginoso  
da Terra no espaço, fará ao passar por entre  
seus galhos seccos, porem incorruptiveis, uma  
harpã eolia, cujas ondas sonoras, alargando-se  
pelo infinito, proclamarão incessantemente aos  
astros, ao universo inteiro e à posteridade o seu  
nome glorioso... o nome glorioso de Victor Hu-  
go—ante o qual rendemos respeitosa homena-  
gem !

Cruz-Alta, 1.º de Julho de 1885.

Santos Lima.

Victor Hugo, enviando 500 francos a Sociedade de  
beneficencia veneziana, dirigio-lhe a seguinte carta :

«Opponhamos às violencias da natureza a unidade  
humana. Em toda a parte, onde a força desconhecida  
se manifestou e faça o mal, que a unidade humana se  
erga e faça o bem. Contra as inundações, contra os  
incendios, contra as catastrophes, que são locais, abra-  
mos subscripções que podem ser universaes. A 10  
sous por cabeça arranjam-se milhões ; o sou popular  
provará a sua força e a fraternidade dos povos tornar-  
se-á a fraternidade dos homens.

Victor Hugo.

## Victor Hugo.

A estrella mais brilhante  
Que a França cultos votava  
E que o mundo admirava  
Como estrella predilecta,  
Apagou-se para sempre.  
Esse genio, esse poder,  
Esse dom, esse saber  
Victor Hugo, o poeta !

Era o estro a sua vida,  
Era a penna o seu pincel  
E tão generoso e fiel ;  
Mereceu tão grande nome,



Mas o mundo é tão immenso !  
E a vida é tão transitoria,  
Que o homem ambiciona a gloria,  
E a vida despreza o homem.

A sua patria hoje chora  
A perda de tão grande homem,  
Mas é immortal o seu nome,  
E' immensa a sua gloria !  
E sendo a vida tão curta  
Não fica-se uma lembrança:  
De que servia a esperança  
De que valia a victoria ?

M.

### A liberdade.

Estamos na Russia. O Neva gelou. No seu dorso erguem-se habitações e rodam vehiculos pesados. A agua transformou-se em rocha. Transeuntes caminham pelo marmore que foi rio outr'ora. Faz-se tudo naquella superficie resistente: inoprovista-se uma cidade traçam-se ruas, abrem-se estabelecimentos commerciaes, vende-se, compra-se, bebe-se, come-se, dorme-se, atéa-se fogo. Não ha desastre possível. Podeis fazer o que vos vier á phantasia, podeis rir, podeis dançar: ha mais solidez alli, do que em terra firme, aquillo ressoa sob os pés como se fosse granito. Viva o inverno! Viva o gelo! Eil-os para sempre! Olhae para o céu: é dia? é noute? Um luar pallido e melancolico estende-se pela neve. Dir-se-ia que o sol vai morrer.

Não, não morrerás, liberdade! Amanhã, depois, um dia qualquer, quando se esquecerem de ti, quando te julgarem totalmente morta, tu despertarás, e, então—oh deslumbramento!—a tua face de astro ha de surgir inopinadamente da terra e resplandecer no horizonte. E sobre o gelo, e sobre a neve, e sobre a rigida planicie branca, e sobre a agua que se transformou em rocha, sobre todo este inverno infame, tu dardejarás a tua flecha d'ouro, o teu raio ardente e fulgurante, a luz, o calor, a vida.

Agora, escutae: não ouvís um ruido surdo? não ouvís o fragor de uma convulsão profunda e formidavel? é o degele! é o Neva que se descoalha! é o rio que toma o curso outra vez! é a onda viva borbulhosa, terrivel que levanta o gelo disforme e morto e o despedaça! Era

granito, dizieis; vêde: é qualquer cousa fragil como o vidro! é o degele! é a verdade que volta! é o progresso que recomeça! é a humanidade que se põe outra vez em marcha e que arranca, leva, arrebatada, confunde, embate, esmaga e submerge nas suas ondas o imperio recente de Luiz Bonaparte e todas as construcções do velho despotismo, como se fossem os moveis miserimos de um casebre. Vede como tudo aquillo passa.

Vai desaparecendo para sempre.

Nunca mais o tornareis a vêr. Aquelle livro que a onda vae engulir—é o velho codigo da iniquidade. Aquelle montão de taboas que se afunda pouco a pouco—é o throno; aquelle que vai bciando—é o cadafalso.

E o que bastou para que estrondasse este cataclysmo enorme, para que a vida alcançasse sobre a morte esta victoia suprema?

Um dos teus olhares, ó sol! um raio teu, ó liberdade!

V. H.

(Da Provincia de S. Paulo.)

### A memoria de Victor Hugo.

Sumiu-se...

Desappareceu para sempre no occaso da existencia, o astro mais brilhante que illuminava o ceu da litteratura.

Victor Hugo morreu!!

Sua campa encerra os restos mortaes do primeiro pensador do seculo fluctuante!

O dia 22 de Maio, assignala uma data de immenso luto, não só para a França, seu paiz natal, como para o mundo inteiro; pois aquelle que acaba de descer ao jazigo final, era conhecido e admirado em toda a parte onde ha sophro e benefica aragem da civilisação, e seu nome ficará indelevelmente gravado na memoria de todos.

Rendendo, pois, uma homenagem a memoria de tão eminente cidadão, escrevo estas pobres linhas como um intimo tributo ao grande genio da humanidade,

Cruz-Alta 1.º de Julho de 1885.

A. de M. Silveira.

## Victor Hugo e os escravos.

«Hauteville House, 31 de Março de 1860.

O senhor é um nobre exemplar d'essa humanidade preta tanto tempo opprimida e ignorada.

De um extremo ao outro da terra, a mesma chamma existe no homem : e os pretos como o senhor o demonstram. Houve mais de um Adão? Os naturalistas podem discutir a questão : mas o que é certo é que só ha um Deus.

Uma vez que só ha um pai, nós somos irmãos.

Foi por essa verdade que John Brown morreu ; é por ella que eu luto. O senhor m'o agradece, e eu não sei dizer quanto as suas bellas palavras me commoem.

Não ha sobre a terra brancos nem pretos : ha espiritos ; e o senhor é um delles.

Perante Deus, todas as almas são brancas.

Eu amo o meu paiz, a sua raça, a sua liberdade ; a sua revolução, a sua republica.

A sua ilha magnifica e suave apraz nesta hora as almas livres ella acaba de dar um grande exemplo : quebrou o despotismo.

Ella ha de ajudar-nos a quebrar a escravidão.

Porque a servidão, sob todas as suas formas, desaparecerá.

O que os estados do sul mataram, não foi John Brown, foi a escravidão,

A partir de hoje, a União Americana, diga o que disser a vergonhosa mensagem de presidente Buchanan, considera-se feita.

Eu lamento-o profundamente, mas isso é d'ora avante fatal : entre o Sul e o norte ha a força de Brown.

A solidariedade não é possível. Um tal crime não pôde ser partilhado por dous.

Esse crime, continue a estigmatizal-o, e continue a consolidar a generosa evolução.

Continuem a sua obra, o senhor e seus dignos concidadãos. Haiti é agora uma luz. E' bello que entre os archotes do progresso, illuminando o caminho dos homens, se veja um sus tentado pela mão de um preto seu irmão.

V. H.»

Victor Hugo

Vulto ingente sumio-se do cathalogo da vida !

V. Hugo foi, sem que seja permittido contestar, o craneo da moderna litteratura ! D'a quella cabeça predestinada broxeleou luz a toda humanidade ! Estrondoso acontecimento ! que chamou a postos todos os soldados de Gutemberg, que unisonos fizeram gemer os typos annunciando nas cinco partes do mundo, collos sal cataclisma ! O Himalaya desapareceu da terra ?!!! Não—Foi V. Hugo que tombou no abysmo mysterioso da morte ! Chorai Franceses a perda irreparavel de vosso compatriota : porem que digo ?

V. Hugo não pertencia a nenhuma nocionalidade ! Sua patria era o mundo : aquella fronte encanecida no exilo e nas lides gloriosas da litteratura, conquistou o cosmopolitismo em toda a amplidão do orbe !

Impiedosa morte, que apagou do horisonte universal a fulgurante estrella que a mais de oitenta annos guiava a marcha progressiva dos povos, ao posto desejado, da remota posteridade ! Oh fatal seculo 19 !

A' ampulheta sinistra do tempo, te legou pungente e dolorosa tarefa de feixares no sepulchro, tres dos mais grandes vultos produzidos pela natureza !!! O Bonaparte de Austerlitz, Humboldt e Hugo!

O primeiro teve feixado na bainha da sua espada os destinos dos povos e dos Reis !

O segundo impunhando o compaço, medio e determinou todas as partes do globo !

O terceiro, maneando a inspirada penna, fez surgir um novo mundo, do cahos da decrepita litteratura dos passados tempos de chronico obscurantismo ! Cujos nomes legendarios não tiveram rivaes em suas respectivas especialidades ! Quem os igualou ? Quem os excedeu ? Unicamente o jovem e humilde Nazareno, filho da maldita Judéa, enviado pela omnipotente sabedoria da Divindade.

O Indio Velho.

## A imprensa.

A imprensa é a voz do mundo. Onde ha luz esté a providencia. Quem reprime o pensamento attenta contra o homem. Fallar, escrever, imprimir e publicar., são circulos successivos á intelligencia activa ; são essas as ondas sonoras do pensamento.

De todos os circulos, de todos esses esplendo-



res do espirito humano, o mais largo é a imprensa. O seu diametro é o proprio diametro da civilisação.

Onde a imprensa livre é interceptada, pode dizer-se que a nutrição do genero humano está enterrompida.

A missão do nosso tempo é mudar os velhos fundamentos da sociedade, crear a verdadeira ordem e collocar em toda parte a realidade no lugar das ficções.

N'esta deslocação das bases sociaes, que é o, trabalho colossal do seculo,—nada resiste á imprensa.

A imprensa é a forçr. Porque? Porque é a intelligencia. E' o clarim vivo; toca a alvorada dos povos; annuncia em voz alta o reinado da direito; não conta com a noite senão para do fim della saudar a aurora: advinha o dia e adverte o mundo.

A imprensa... escrava! a reunião de palavras... impossivel... impossivel!

Não! por mais que façam os despotas, não não ha escravidão para o espirito!

No seculo presente, sem liberdade da imprensa não ha salvação. Sem a imprensa, noite profunda.

A imprensa é o dedo indicador; é o auxiliar do patriota.

Qual é o espantelho do covarde e do traidor?—A imprensa.

Todos as iniquidades, todas as perseguições, todos os fanatismos denunciam, insultam e injuriam como pôdem.

A imprensa é a santa e immensa locomotiva do progresso... que leva a humanidade para a terra de Canaan, a terra futura onde não tere-mos em torno de nós senão irmãos, e por cima o céu.

Que seja intrepida essa locomotiva sagrada, o pensamento, a sciencia, a philosophia—a imprensa.—Sejam bemvidos todos os espiritos!

*Victor Hugo*

---

O que valle do mundo as immensas riquezas  
Títulos e grandezas compradas, nada são,  
Só é grande o talento, um nome glorioso  
Como Victor Hugo deixou a sua geração.

A custa de seus trabalhos litterarios  
Uma immensa fortuna a seus filhos deixou,  
Mais seu talento é mais grande mais sublime seu es-  
(tro  
Que a todo mundo seu nome sem rival minou.

Nunca poeta por mais izaltado  
Pintou do mundo as cores, com tão lindo matiz  
Morreu, mas o seu nome brilhante immortal  
E' a gloria infinda de seu paiz,

M.

---

O mais humilde dos republicanos missioneiros  
associa-se de coração a homenagem que o club  
«Aurora do Serra» presta hoje á memoria do  
grande democrata Victor Hugo.

L. A. D.

---

### Homenagem ao genio.

Do intimo de minha alma eu te lamento oh!  
inditosa França, pois acabas de presenciar o  
passamento do gigante tronco da mais fructi-  
fêra e animadora arvore de teo fertil sólo.

V. Hugo, o laureado genio Francez,  
o mais notavel vulto d'entre as summidades  
universaes envolveo-se eternamente no gelido  
manto da Parca inexoravel!

Sim, fostes atrozmente esbulhada de um ce-  
rebro, que por espaço de 83 annos, pensou não  
só por ti, como por todo a humanidade.

Sim bem salientes se encontrão brilhante-  
mente regorgitando no seio desta immensa so-  
ciedade a que chamamos mundo, os ingentes  
fructos das innumeradas lucubrações, do vene-  
rando batalhader, em prol das gerações presen-  
tes e do porvir.

O seo desaparecimento, pois, d'entre o ge-  
nero humano, importa n'um vacuo tão enorme  
como os seus pensamentos, como as suas obras,  
como elle proprio emfim, cujo preenchimento  
seria capaz de fazel-o, só, outro V. Hugo se  
por ventura ao mundo voltasse.

Eu pois illustre morto, respeitosa, aqui  
deste recanto da terra, deponho sobre tua  
campa um modesto diadema entrelaçado de  
goivos e saudades.

L. Peixoto.

---

### A' Victor Hugo.

Tambem venho render a minha humilde ho-  
menagem a esse grande vulto que chamou-se

Victor Maria Hugo, e que acaba de desaparecer deste imenso scenario que chamamos mundo.

Considerando que a gratidão é um dever, é justo, não ficar-se em silencio ante o esquife d'esse grande homem; pois de facto a humanidade muito deve ao luminoso talento d'esse grandioso genio; e continuará a dever. Sim! porque desaparecendo o vulto d'esse gigante do numero dos vivos, elle ali deixa ficar as suas ricas produções, que será qual um pharol servindo de guia áquelles que procurarem um tal-o. Concluindo peço desculpa aos leitores, pois o meu unico fim foi significar a minha gratidão, como um humilde representante de uma particula desta humanidade que tanto lhe deve, e que agora, cheia de respeito se descobre ante o epitaphio desse genio. Pois dizer quem foi Victor Hugo seria temeridade, isso deixo para grandes talentos; só elles poderão esboçar esse genio collossal.

Cruz Alta, 1 de Julho de 85.

O. C.

---

### Victor Hugo.

No momento solemne em que o mundo civilisado rende justa homenagem ao grande genio que baixou para o occaso da vida, não ha coração que não fique consternado por ver desapparecer do vasto mundo litterario a mais brilhante luz; a luz que mais irradiou a fauna immensa da litteratura; mas ella não desappareceu de todo, porque a luz do genio não se apaga. E Victor Hugo foi, incontestavelmente, um genio colossal.

E eu, o mais humilde de seus admiradores, venho, por meio destas toscas linhas, congratular-me com a revista «Aurora da Serra», pela justa homenagem que ora rende ao immortal poeta.

A. C.

---

Trabalho que devia ser lido na sessão do Club «Aurora da Serra» em 14 do corrente, con-

### sagrada a memoria do immortal poeta Victor Hugo

Sr. Presidente e dignos consocios.

Permitti que um obscuro obreiro do progresso venha depor sobre a louza que encerra os restos do genial poeta Victor Hugo, uma coroa de singellas saudades. E ella meus senhores, um preito sagrado que venho render na minha humilde obscuridade, a memoria do eminente cidadão Victor Hugo, cuja morte nossa sociedade neste momento solemne pranteia. Justa e sagrada homenagem rendida a memoria desse sol brilhante do pensamento, gloria e orgulho da raça latina e do seculo desenove, que contemplava orgulhoso aquelle espirito sublime illuminado por uma luz divina. Vulto gigante, apostolo sublime da Liberdade e da caridade, nunca a seus ouvidos chegou uma queixa da humanidade soffredora, que não vibrassem as cordas de seu sensível coração, e que não lhe estendesse sua mão caridosa, prompta sempre a soccorrer a desgraça. Estrenuo defensor da liberdade, espirito grandioso e sublime d'onde irradiavam fachos brilhantes de divina luz.

Não é só um povo, não é só a França, que lhe foi berço, não é só a raça latina, que chora sua morte; a humanidade, o universo inteiro, se cobre de crepe ante a louza que encerra os restos do portentoso poeta. Nossa modesta sociedade, o Club «Aurora da Serra», embora aqui n'um recanto do novo mundo, tambem rende homenagem a memoria sagrada daquelle que sobre a terra se chamou Victor Hugo—e eu humilde membro desta sociedade a ella me associo de coração.

Cruz Alta, 14 de Junho de 85.

E. A. C.

---

### Chronica.

O presente numero d'esta Revista é consagrado a morte de V. Hugo. Todos os jornaes que nos veem as mãos, quer da Capital do imperio e provincias, veem replectos de brilhantes artigos em homenagem a memoria do immortal poeta, que no dia 22 do pa s



sado desapareceu d'esta terra de promissão ; deixando n'ella gravado um rastro tão luminoso que será difficil de apagar-se ; com certeza muitas gerações banharão a fronte pen sadora n'essa claridade luminosa, antes que tenha o seo derradeiro occaso n'esta evolução constante do Progredir humano.

Revista Theatral : No correio de 20 do passado, tivemos a grata satisfação de receber a visita d'este novo órgão de publicidade que sabio a luz na Capital do imperio.

São brilhantes e criteriosos os artigos que fazem Parte do 1.<sup>o</sup> numero. Por elles é de presumir-se, que terá uma recepção con digna, e uma vida relativamente grande. São estes os juizos que despretenciossa, e na liberdade do pensamento nos cumpro fazer do novo collega, ao qual pedimos seja pontual na remessa—pois não queremos ser os ultimos a reconhecer a utilidade, e o impor tante serviço, que pode prestar a nossa socie dade, desde que conserve-se, como espera mos, na altura brilhante, com que se apre senta na arena da imprensa illustrada, E seu redactor o Sr. Eleidro Famtz.

No dia 20 de Junho passado realisou-se em esplendido baile em casa de nosso conso cio e amigo, Evaristo Affonso de Castro por occasião de ser baptisada sua primeira filhinha.

Uma serie innumera de faltas me põe na dura contingencia de não pedir mais desculpas.

Sinti profundamente não assistir, Sei que alli compareceu quasi toda a elite da sociedade Cruz-Altense.

O baile correio animado até uma hora da noite, hora em que terminou. Sendo precedido de uma lanta meza do finos doces e ex celledentes licores.

Produzirão discursos o nosso presados ami gos e consocios Exmo. Barão de S. Jacob, e Diniz Dias Filho, recitando uma bonita poe sia o Sr. Dr. Tobias Cezar de Andrade.

Ao nosso amigo, sua Exma. consorte, e Exma. Sra. D. Belarmina da Silva Prado, e nosso particular amigo Sr. José da Silveira Loureiro, padrinhos da bella Drausia nossos

expansivos parabens.

Dr. Joaquim Nabuco : Foi eleito pelo 5.<sup>o</sup> districto de Pernambuco o eminente—abo licionista Dr. Nabuco, : este humilde perio dico muito se regosija pela sua ascensão ao parlamento, porque é de esperar-se é muito de sua altiva intelligencia, illustração, e a crisolado amor a patria : da qual ve-se que a escravidão é o maior mal, e o maior en trave ao seo real progresso e bem estar so cial.

E' de esperar-se pois, que o illustre abo licionista seja, como tem sido até hoje, um advogado impeterrito da sublime causa— da extinção do elemento escrevo em nossas santas plagas.

Faz parte d'esta Revista uma linda poesia produção d'uma distincta jovem Cruz-Al tense.

No «Philomantano» de 25 de Junho ; vem transcripto uma bem delineada carta proce dente da Villa do Passo Fundo. Por ella ve-se que seo illustrado autor, acompanha com criterio a evolução dos tempos ; e fal lando de nossa humilde Revista com tanta abundancia de generosidade, nos colloca tambein servindo-nos de suas expressões, na mesma liberdade de fazer algumas apre ciações a respeito :

Sentimos ser emittido o nome do intelli gente autor.

Sabemos no entretanto reservadamente que é produção de um cidadão, que pela sua intelligencia e actividade, tem se collocado n'una posição digna e elevada—e a humil de Revista que repetimos e pretendemos re petir sempre, só quer ver a luz, embora ta tée nas trevas—desejava poder collocar em suar columnas o seo illustre nome.

Realisou novas nupcias no dia 10 do pas sado o nosso amigo e consocio Guilherme Jouquim da Costa, a qual desejamos todas

as felicidades.

No numero passado não nos foi possível consignar em nossa chronica, por já estar no prelo, o bonito baile que teve lugar em caso da familia do nosso amigo Josino dos Santos Lima. Lanbremos que estava sumamente agradavel.

No dia 23 foi escolhida a casa do mesmo nosso amigo para um baile em regosijo ao tradicional dia de S. João. Consta-nos que es teve excellente e muito concorrido. Sentimos não ter ido fruir a doce magia do astro rei da vida do lar—a mulher—o bello sexo—que hia esplendorosamente subindo de encantos, do anterior e resplendente baile realizado na casa de nosso amigo Castro, do qual em tocas linhas ja conseguimos as nossas impreções pelas notas recebidos de amigos que lá foram.

Vou finalmente reatar esta minha chronica, pedindo aos amadores, dos festejos alludidos—do potriarcha da christandade—a supressão para o anno seguinte das taes salvas misturadas com farinha e polvora secca !!

Peço desculpa os leitores d'alguuma ápreciação que não fcr agosto, e faço ponto.

Cruz Alta 10 de Julho de 1885.

J C.

Devido a grande accumulção de materia, damos o presente numero de nossa revista com desesseis paginas. E por esse motivo deixou de sabir no dia primeiro, como é de costume, pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

A Directoria do club «Aurora da Serra» convida aos Srs. socios para a sessão de 15 e 30 do corrente.  
Espera o comparecimento de todos.



**A VISO.**

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao socio Evaristo Alfonso de Castro.  
Cruz-Alta—Rio Grande do Sul.

